

**O LUGAR DAS RELAÇÕES SEXUAIS ENTRE MULHERES NA
LITERATURA DO SÉCULO XIX: UMA COMPARAÇÃO ENTRE O
CORTIÇO E VERTIGEM**

**THE PLACEMENT OF SEXUAL INTERCOURSE BETWEEN
WOMEN IN THE LITERATURE OF XIX CENTURY: A
COMPARISON BETWEEN O CORTIÇO AND VERTIGEM**

Ana Beatriz Silva¹
Helder Thiago Maia²

Recebimento do Texto: 22/08/2021

Data de Aceite: 20/09/2021

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo efetuar uma análise comparativa entre os romances *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, e *Vertigem* (1926), de Laura Villares, tendo como principal interesse analisar a enunciação da lesbianidade, da prostituição, do espaço e do matrimônio. Para tanto, nos baseamos na crítica lésbica e feminista (SANTOS, 2005; SANTOS, 2018), em especialistas no naturalismo e na “literatura para homens” (EL FAR, 2004; MENDES, 2017), uma vez que ambas as obras podem ser encaixadas nessas categorias, e nos ideais propostos pela medicina no final do século XIX (SILVA, 1895), que tanto influenciaram a produção literária desse período.

PALAVRAS-CHAVE: Naturalismo. Realismo. Prostituição. Século XIX. Lesbianidade.

ABSTRACT: The goal of this article is to make a comparative analysis of the novels *O Cortiço* (1890), by Aluísio Azevedo, and *Vertigem* (1926), by Laura Villares, focusing such analysis on elements such as the enunciation of the lesbianity, the prostitution, the space and the marriage. In order to do so, we are based on the lesbian and feminist critics (SANTOS, 2005; SANTOS, 2018), the specialists in naturalism and “literature for man” (EL FAR, 2004; MENDES, 2017), since both books may be put in such categories, and on the *ideals* created by the medicine in the end of XIX century (SILVA, 1895), which has hugely influenced the literary production from such period of time.

KEYWORDS: Naturalism. Realism. Prostitution. XIX century. Lesbianity.

1 Graduada em Letras (USP). E-mail: anabeatrizsilva@usp.br

2 Professor Doutor USP, bolsista FAPESP de Pós-doutorado. E-mail: helderthiagomaia@usp.br

Exceção dentro de uma escola literária vista como digna de menor prestígio não só em sua época, mas também, posteriormente, pela historiografia literária brasileira (MENDES, 2019), *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, foi uma das poucas obras naturalistas a ser canonizada, sendo considerada uma obra-prima e um dos maiores exemplos da produção do movimento naturalista brasileiro.

Vertigem (1926), de Laura Villares, por sua vez, teve um destino bem diferente. O romance que dialoga com perspectivas tanto do realismo quanto do naturalismo foi escrito em 1926, no entanto foi pouco divulgado pelos jornais da época e não se encontra crítica literária significativa acerca do mesmo. Em verdade, a principal análise se encontra no livro *O lesbianismo no Brasil* (1987), de Luiz Mott, enquanto as demais referências à obra tendem a ser curtas e apenas recuperar os trechos destacados por Mott (1987), conforme os pesquisadores César Braga-Pinto e Helder Thiago Maia (2021)

Além das obras possuírem uma estética semelhante por conta de alguns elementos comuns à escola naturalista, os textos compartilham outras características em comum, como o forte enfoque dado à sexualidade, tão presente num momento histórico em que se ansiava pela compreensão, e definição estrita de limites reguladores, da mesma (FOUCAULT, 1976).

Apesar disso, é importante destacar que, enquanto *O Cortiço* (1890) é um romance símbolo do naturalismo brasileiro, contando com o uso constante de termos cientificistas e abordagem constantemente patologizante das sexualidades, sobretudo ao tratar de sexualidades dissidentes da heterossexualidade, *Vertigem* (1926) não se empenha em classificar e patologizar essas sexualidades, nem dá grande importância ao uso de termos científicos, se preocupando mais em apresentar a sociedade paulistana, dando um enfoque crítico à sua vida sexual. Tal característica faz com que *Vertigem* (1926) talvez se aproxime mais do realismo, embora algumas características do movimento naturalista frequentemente vistas em *O Cortiço* (1890), como a animalização das personagens, por exemplo, também sejam comuns na obra.

Fosse para excitar o leitor, denunciar uma suposta decadência social, ou educar e moralizar a população, é inegável que a sexualidade foi uma obsessão do século XIX, de modo que o período contou com diversos escritos acerca

dessa temática (FOUCAULT, 1976), como tratados médicos e legalistas, escritos libertinos e pornográficos, e os textos naturalistas não fugiram a essa tendência, os quais, muitas vezes, serviam como fonte de educação sexual (MENDES, 2016).

A partir disso, nesta análise comparativa entre *Vertigem* (1926) e *O Cortiço* (1890), estamos interessados em analisar como são narradas a prostituição e o matrimônio, assim como tentamos entender como a lesbianidade é enunciada. Como sabemos, por conta da maior participação das mulheres na vida pública e das crescentes industrialização e modernização do Brasil, o século XIX foi marcado por uma constante preocupação com a prostituição, sobretudo nas grandes cidades (RAGO, 1992), a qual pode ser vista nos jornais e livros da época. Nesse sentido, interessa-nos aqui pensar como a literatura dialoga com os discursos sobre a prostituição.

Já acerca da enunciação da lesbianidade, é notável que, com exceção de algumas aparições quinhentistas e barrocas (MOTT, 1987; MOIRA, 2021), o naturalismo e o realismo foram umas das primeiras escolas literárias a tratar de questões que até então não eram discutidas no campo literário (SILVA, 2020), sendo a existência de indivíduos que viviam gêneros ou sexualidades dissidentes uma dessas questões. No que diz respeito às lésbicas, especificamente, *O Cortiço* (1890) é considerado um divisor de água (SANTOS, 2005), uma vez que é entendido como o primeiro romance nacional a apresentar uma descrição realista da experiência lésbica (MOTT, 1987), enquanto *Vertigem* (1926) é considerada a primeira obra brasileira com personagens lésbicas escrita por uma mulher (MOTT, 1987).

No que se refere ao matrimônio, após ter sido um tema exaustivamente idealizado na escola romântica, foi incansavelmente problematizado e criticado pelos defensores do realismo e do naturalismo, como pode ser percebido desde a primeira obra representante desse movimento, *Madame Bovary* (1856), que ao narrar o adultério, tema central em tais escolas, defende que o casamento era, em verdade, pautado por interesses econômicos, levando qualquer um que acreditasse em algo diferente disso à decepção (BIRCH, DORFSCHIMDT, MAZACOTTE, TEIXEIRA, 2020).

Por fim, é também parte dos nossos interesses analisar a relação dessas personagens com o espaço. Exercendo papel de protagonista em *O Cortiço* (1890),

o espaço era um elemento essencial para esse movimento, uma vez que, seguindo os ideais deterministas, muitos naturalistas acreditavam que o “meio”, composto, em grande parte, pelo espaço, definia o futuro e a identidade de um indivíduo, enquanto em *Vertigem* (1926) as diferenças que existem entre o espaço do campo e a capital São Paulo separam uma sociedade imoral de uma sociedade honrada.

1. *Vertigem* (1926)

O romance *Vertigem* (1926), de Laura Villares, tem como protagonista Luz, uma jovem que jamais conheceu a mãe e cujo pai, José Alvarenga, a quem era muito apegada, morre após se dar conta de que perderá a fazenda que possui por conta de algumas dívidas, mas também pela ambição e ganância de um homem chamado Eduardo, que mantém uma rivalidade com o pai de Luz porque ambos se relacionaram com a mãe de Luz quando esta era solteira.

Após a morte da mãe e do pai, Luz é criada por Rosa e seu marido, antigos funcionários da fazenda, junto com os filhos do casal, em uma situação de grande precariedade econômica. No entanto, já adulta e precisando se sustentar, Luz decide se mudar para São Paulo a fim de lecionar canto ou idiomas, pois não quer dar mais gastos para o casal pobre do interior.

Assim que se instala em São Paulo, Luz conhece Liliane, prostituta com quem estabelece uma amizade íntima e por quem nutre afeição. Após se aproximar de Liliane e ser apresentada a livros de caráter pornográficos, às festas e ao luxo da capital, Luz perceberá que é mais difícil do que parece manter sua moralidade intacta, se tornando, assim, amante de Eduardo, o qual era, a princípio, o amante de Liliane.

Embora a prostituição exerça um papel central no enredo de *Vertigem* (1926), é notável que esta é enunciada de maneira que tanto Liliane quanto Luz são descritas como mulheres que tem amantes dos quais recebem presentes, e que se relacionam com homens casados. Luz, especialmente, se relaciona, no decorrer de todo o livro, com apenas dois homens, dr. Neves e Eduardo, e, na maior parte das vezes, de maneira não simultânea, e jamais lhes cobra expressamente pelo sexo, embora peça muitos presentes e expresse o desejo de fazer com que esses homens gastem pelo prazer que esperam obter dela, como pode ser visto no seguinte trecho:

Que pagasse bem caro a humilhação que sentia por precisar dele! Não era assim que procediam as mulheres em sua condição? Não dizia Liliane que aos homens, fazia pagar até as palavras que trocava com eles?
Era uma espécie de alegria afinal, ver quem a comprava, suar de angústia pelo preço que lhe custava! (VILLARES, 1926, p. 161).

Apesar de Liliane ser descrita como uma prostituta mais experiente, o que sugeriria que ela já teria se relacionado com diversos homens, Eduardo é seu único amante citado no texto e, assim como Luz, ela não cobra um valor pelo sexo, mas pede presentes, como pode ser visto no diálogo com Eduardo a seguir:

- Como estavam tentadoras as vitrines, hoje... Tua Liliane “mon chéri” tem às vezes, uns caprichos infantis... Imagina que tive vontade de comprar uma boneca que vi exposta no “Reino das Fadas” uma linda boneca, com pestanas e cabelos verdadeiros, louros, vestida de “lamé”... uma beleza! (VILLARES, 1926, p. 79).

A despeito dessa caracterização de Liliane e Luz como amantes mimadas, há evidências suficientes que nos permitem dizer que elas eram entendidas como prostitutas pelos demais personagens da obra e, provavelmente, pelo leitor contemporâneo ao seu lançamento. Uma delas seria o fato de Liliane ser francesa, o que é reforçado várias vezes no decorrer do texto através do uso de frases em francês por esta personagem, num tempo em que tal nacionalidade era amplamente associada à prostituição feminina, como pode ser visto no seguinte trecho, em que Rago (1992) utiliza o termo “francesas” como sinônimo de “prostitutas”:

Nos bordéis de luxo e cabarés granfinos, artistas, intelectuais, advogados e outros boêmios reuniam-se para negociações políticas, para bater-papo, ouvir música, cear, acompanhados das “francesas”, a exemplo do que se fazia nas sociedades mais avançadas (RAGO, 1992, p. 43).

Além disso, junto à preocupação com a prostituição, o século XIX viu emergir uma preocupação em diferenciar as prostitutas das “mulheres de família”,

contando com revistas femininas e toda uma literatura médica dedicadas a definir os sinais que diferenciaram esses dois grupos de mulheres (RAGO, 1992). Era comum, portanto, que as prostitutas se distinguissem das outras mulheres através de seus trajes, gestos, comportamento e dos lugares que frequentavam (RAGO, 1992), e diversas dessas marcas associadas à prostituição são vistas em Liliane e Luz. A julgar pela reação das personagens do livro, é possível concluir que o uso de roupas de seda, principalmente, era, no contexto da obra, composta na primeira metade do século XX, um forte indicador de que uma mulher seria prostituta, como pode ser notado no seguinte trecho:

- Vê, Joca, ela tem camisa de seda!

E os dois ficaram, olhos arregalados, a olhar a leve camisinha de seda roxa, que mal escondia a firme e redonda forma dos seios.

Para aquele ingênuo casal “aquilo” era o ferrete da cortesã (VILLARES, 1926, p. 335).

Além das roupas, diversos outros são os sinais da prostituição, de acordo com a literatura médica da época (RAGO, 1992), vistos em Liliane e Luz, tais como o apetite sexual exaltado, a mentira, o gosto pelo álcool, a preguiça, para não mencionar a forma de andar, uma vez que, ao falar do andar da amiga, Luz descreve “o desembaraço com que a companheira caminhava, os pequenos passos, com a cabeça alta, os olhos dominadores” (VILLARES, 1926, p. 29).

Se a prostituição é exposta no livro através de sinais dúbios, a lesbianidade é enunciada de forma ainda mais sutil. Após o início do relacionamento de Luz com Eduardo, ela e Liliane se tornam rivais, o que provoca uma disputa entre as duas prostitutas pelo mesmo homem, detentor de dinheiro e poder de sedução. Contudo, não é assim que se inicia a relação entre elas. Pelo contrário, as duas se tornam amigas íntimas assim que Luz se instala em São Paulo, e Liliane será responsável por sua educação sexual e inserção no mundo da prostituição.

É anteriormente ao surgimento dessa rivalidade e em meio a um conflito de interesses, uma vez que Liliane ganharia dois contos de réis caso convencesse Luz a se relacionar com o dr. Neves, o que explicaria seu interesse em transformá-la numa prostituta, que se notam indícios sutis de que a relação entre elas poderia ultrapassar os limites de uma mera amizade. Muitos desses indícios aparecem na

admiração que uma sente pela outra ou em meio ao aprendizado da sexualidade, como no seguinte trecho, em que Liliane ajuda Luz a se arrumar para encontrar o dr. Neves:

E lentamente esfregou-lhe as costas, o pescoço, o peito, demorando a mão onde a pele era mais quente e macia.
- És em verdade linda, Luz. Que braços de estátua! E os seios? Usas corpinho. Que loucura! Porque apertar estes lindos seios assim? Tire este corpinho... deixe que se veja, como são bem feitos e rijos! (VILLARES, 1926, p. 78).

Outro indício da relação das duas seria o pronome que elas utilizam para se comunicar entre si. Isso porque o narrador defende que o “tu” seria usado entre os amantes e, pouco tempo depois, é destacado que Luz e Liliane usam este pronome para dialogar entre elas. Por outro lado, é reforçado que o pronome cujo uso seria mais apropriado entre amigas seria o “você”, que aparece no diálogo de Luz com Blanchette, que não apresenta qualquer indício de interesse sexual ou romântico na primeira. A importância do pronome de tratamento como definidor do tipo de relação estabelecida pode ser vista nos três trechos seguintes: “Era a primeira vez que o tratava por ‘tu’, o doce ‘tu’ dos amantes” (VILLARES, 1926, p. 231); “E a francesa enxugou uma lágrima, tão contente que nem percebeu que voltara ao antigo e familiar tratamento de ‘tu’” (VILLARES, 1926, p. 250-251) e “- Espero que me trate de ‘você’ como eu faço. Entre amigas.” (VILLARES, 1926, p. 276). Tais trechos possibilitam a interpretação de que Liliane e Luz, ao se chamarem por “tu” e não por “você”, poderiam ter experimentado, em algum momento do enredo, um envolvimento romântico muito diferente, por exemplo, da simples amizade que unia Luz e Blanchette.

Se os sinais indicados até aqui podem parecer dúbios e ambíguos, é curioso apontar que a menção mais explícita e concreta da existência de um desejo entre Liliane e Luz se dá através de uma figura masculina, o dr. Neves, na seguinte passagem: “Ah Luz, a senhora tem em si alguma coisa, uma emanção, um fluido, que faz perder a cabeça a quem quer que seja! Sabe o que Liliane me disse? Que ela mesma quando está ao seu lado, sente alguma coisa... compreende?... alguma coisa...” (VILLARES, 1926, p. 146), onde podemos notar que Liliane parecia nutrir uma atração sexual por Luz muito semelhante à que o dr. Neves sentia pela mesma.

A partir de Liliane, é interessante notar que a expressão mais clara da atração dela por Luz se dá quando a primeira está alcoolizada, tornando tal atração ambígua, uma vez que não é possível concluir, nesta cena, se ela já existia anteriormente ao consumo do Champagne, de modo que o álcool teria a mera função de facilitar a expressão de seus verdadeiros desejos, sem alterá-los, ou era mero efeito da bebida. Na passagem a seguir, Liliane demonstra de modo mais claro a excitação que Luz lhe provoca:

A francesa jogou-se sobre um divã e revolveu-se como uma cobra sobre brasas. Enterrava os peitos nas almofadas, torcia-se sobre a seda áspera, como a querer sentir-lhe o contato em todos os pontos do corpo, com as mãos crispadas agarrava-se ao móvel e o sacudia, como se quisesse destruí-lo, reduzi-lo ao nada.

Pensando que o Champagne fazia efeito agora e estranhamente oprimida, perturbada por aquela cena singular, Luz levou inconscientemente a mão à cabeça, num gesto de sofrimento. Então Liliane que a espreitava, cingiu-se as suas pernas e fazendo-lhe pesar o seio sobre os joelhos, perguntou-lhe com um fio de voz:

- Luz, é verdade que nada sabes do amor?

[...]

Tinha as faces em fogo; as mãos geladas, apertavam como tenazes os braços brancos, mádidos de suor de Liliane. Daquele corpo prostrado, vinha um cheiro que já respirara nos cabelos de madame Louise, um cheiro de fruto e de flor, que era uma insidia para os sentidos. Um rumor estrídulo encheu-lhe o cérebro, vacilou como se Champagne que bebera a amiga lhe estivesse tumultuando nas veias. Erguendo-se disse com uma singular voz, que não parecia a sua:

- Que calor... Deixa que abra as janelas...

- Não, fique, peço-te. É tão suave este momento... (VILLARES, 1926, p. 61).

A despeito dessa expressão do desejo de Liliane por Luz, é curioso que este só venha a ser expressamente verbalizado por uma figura masculina, o que pode indicar a necessidade de um homem para validar o desejo e a existência homoafetiva entre duas mulheres, o que apontaria para o apagamento e a impossibilidade do mesmo, ou a necessidade de que este afeto fosse evidenciado por um homem para que o livro fosse mais aceito socialmente, especialmente

se considerarmos que foi escrito por uma mulher e certamente a autocensura permeava a autoria feminina.

Em meio ao desenvolvimento sexual e à inserção e Luz no mundo da prostituição, o romance é repleto de críticas ao matrimônio, que são voltadas sobretudo ao suposto caráter hipócrita desta instituição, já que os homens seriam conhecidos por traírem, o que é apresentado como uma necessidade natural deles, e o casamento pressupõe um compromisso com a fidelidade. A naturalização da traição masculina pode ser vista no seguinte excerto:

- ‘Voyons’... tens ainda destas ideias? Bem se vê, que és inexperiente e atrasada... Achas que é um grande pecado ter mulher legítima e ter amante? “Pettite sotté” não sabes que até na Bíblia é caso admitido e perdoado? Além disso, não pode-se condenar um homem à fidelidade, só porque é casado... Seria um suplício inconcebível, desumano. A fidelidade dentro ou fora do casamento ‘cést un mythe’, minha cara amiga! (VILLARES, 1926, p. 41).

Além disso, em *Vertigem* (1926), o casamento é frequentemente descrito como uma prisão, por ser uma instituição que tentaria controlar desejos e sentimentos que seriam, por sua própria natureza, incontroláveis, como pode ser visto a seguir:

É inútil dizer a um ser: Ame ou não ame, ou deixe de amar... O amor é como a luz, como a chuva, como a sede, como a fome... É independente da vontade, nada podem contra ele as leis do homem.

- E a sociedade, a hipócrita senhora, a traçar-lhe o âmbito estreito do matrimônio! Um círculo de ferro, uma prisão de aço! Dizendo aos que estão dentro: Não devem, não podem amar fora... E aos que estão fora: não podem, não devem amar os que o círculo de ferro oprime, os que sufoca a prisão de aço (VILLARES, 1926, p. 131).

Por fim, é interessante atentarmos-nos à questão do espaço em *Vertigem* (1926), uma vez que Villares parece, em seu livro, traçar uma forte oposição entre a capital paulistana e Avaí, uma cidade do interior do estado de São Paulo. Nesse sentido, enquanto D. Rosa, Joca e seus filhos, os habitantes de Avaí, parecem

representar uma certa pureza, se chocando ao descobrir a nova vida de Luz e ao se deparar com uma simples camisa de seda, e sendo as únicas personagens isentas de críticas na obra, os moradores de São Paulo são criticados, sendo associados à hipocrisia, luxúria e imoralidade. Uma evidência disso seria o fato de Luz possuir apenas lembranças boas e puras dos anos que vivera no interior, enquanto descobre, ao final do enredo, que sua ida para a capital só lhe trouxe angústia e tristeza, além dela ingressar numa vida de moralidade duvidosa pouco depois de chegar a São Paulo.

O fato da história se passar em São Paulo é reiterado diversas vezes, com a menção constante a locais concretos da cidade, como a Avenida Paulista, por exemplo. Contudo, embora o alvo principal das críticas pareça ser, de fato, a sociedade paulistana, o Rio de Janeiro é outro lugar que não aparenta ser isento de críticas. Embora não haja destaque para os moradores desta cidade, há um enfoque na presença de famosos cabarés na capital carioca que não aparecem quando a protagonista se encontra em solo paulistano.

Ademais, ao chegar a São Paulo, Luz se instala numa pensão, dividindo sua moradia com outras personagens. No entanto, a pensão de D. Santinha conta com poucos moradores, os quais pertencem, em sua maioria, a uma classe média baixa, e tendem a desprezar Liliane e Luz por sua profissão, embora admirem os bens materiais possuídos por ambas, e parece ter os cômodos bem divididos entre si, de modo que os moradores tendem a se reunir no mesmo lugar apenas durante as refeições. Assim, todo o ambiente passa a impressão de ser um lugar limpo e arrumado, como é possível perceber quando o narrador afirma que Luz “Agora sentia-se bem no quarto, aseado e elegante” (VILLARES, 1926, p. 31). É curioso reparar que as prostitutas parecem ter uma recepção mais crítica pela classe média que ocupa lugares limpos e organizados do que pelo proletariado que habita *O Cortiço* (1890).

2. O Cortiço (1890)

Tendo como protagonista o espaço que dá nome ao livro, *O Cortiço* (1890) conta a história dos numerosos habitantes do cortiço São Romão, construído por João Romão e Bertoleza. Um dos principais expoentes do naturalismo no Brasil,

a obra é frequentemente lida pela crítica como um tratado das teses deterministas e cientificistas tão defendidas por essa escola literária. Tais características, no entanto, não impediram o livro de ser incluído na lista de “livros para homens” na época de sua publicação.

“Livro para homens” era uma categoria bem ampla que abarcava uma gama diversa de livros, que divergiam bastante na quantidade de cenas de sexo que apresentavam, bem como no seu detalhamento e no suposto objetivo do autor em publicar suas obras (EL FAR, 2004). Enquanto os escritores de pornografia pareciam ter um desejo evidente de provocar a excitação do leitor e incentivar práticas como a masturbação, os naturalistas alegavam um suposto objetivo moralizante, defendendo que era preciso expor as “mazelas sociais” para “curá-las”, o que, de seu ponto de vista, justificaria a presença em seus escritos não só de cenas de sexo como também de personagens que apresentassem performances de gênero e sexualidade divergentes.

O fato dos naturalistas afirmarem tal objetivo moralizante constantemente não significa que livreiros e leitores entendessem da mesma forma, ao contrário há evidências de que, no século XIX, a maior parte da população entendia os livros naturalistas como textos associados à imoralidade e à luxúria, tornando-os leituras secretas (MENDES, 2019), de modo que eram vendidos junto com as obras classificadas como leituras para homens, o que não significa que o leitor médio não soubesse diferenciá-los, reconhecendo os diferentes níveis de sensualidade presentes em cada obra.

Para o leitor médio do século XIX, não era difícil entender o que diferenciava livros como *Vertigem* (1926) e *O cortiço* (1890) de obras como *Amar, gozar, morrer* (1894) ou *Serões do Convento* (1862), que são textos claramente pornográficos e que continham cenas de sexo mais explícitas, constantes e detalhadas. No entanto, todas as quatro obras foram consideradas imorais e repletas de sensualidade, cuja leitura deveria ser vedada às mulheres, uma vez que “as mulheres[...] não deveriam [...] ter acesso a narrativas que pudessem fazê-las sonhar com afetividades e emoções distantes de sua realidade” (EL FAR, 2004, p. 186), pois, tendo, supostamente, uma mente mais frágil e influenciável, elas poderiam tentar replicar, na realidade, essas emoções vividas durante a leitura, se afastando dos princípios do casamento e da maternidade (SILVA, 1895).

Tendo em vista essa interdição à leitura feminina, centraremos nossa análise do texto de Aluísio Azevedo em algumas de suas personagens femininas: Léonie, Pombinha e, em alguns momentos, Rita Baiana, uma vez que as três apresentam desvios em relação ao comportamento esperado das mulheres no século XIX, a fim de analisar como a lesbianidade e a crítica ao casamento partindo de mulheres aparecem no livro.

Léonie é a primeira prostituta que aparece no enredo, sendo admirada pela maioria dos moradores do cortiço, entre outros motivos, pelo dinheiro que possui, de modo que há pouca rejeição à prostituição na história, a qual fica por conta da mãe de Pombinha. Mesmo assim, essa repulsa pela prostituição não é demonstrada em relação a Léonie, mas apenas quando a própria filha, “influenciada” por Léonie, se torna prostituta.

Embora a prostituição não seja o tema central de *O Cortiço* (1890), até pela presença de diversas histórias e personagens dentro do mesmo enredo, é apresentada de forma bem explícita na obra. Diferentemente de *Vertigem* (1926), aqui as prostitutas se relacionam com múltiplos homens em um curto período do tempo a fim de obter dinheiro, como pode ser visto nos seguintes trechos:

[...] à noite, no teatro, em um camarote de boca, chamavam sobre si os velhos conselheiros desfibrados pela política e ávidos de sensações extremas, ou arrastavam para os gabinetes particulares dos hotéis os sensuais e gordos fazendeiros de café, que vinham à corte esbodegar o farto produto das safras do ano, trabalhadas por seus escravos. Por cima delas duas passara uma geração inteira de devassos .

[...]

Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si. (AZEVEDO, 1890, p. 216).

A despeito do fato das duas serem as mais populares prostitutas da cidade, não há qualquer rivalidade entre Léonie e Pombinha. Pelo contrário, elas,

que sempre foram amigas, parecem estar ainda mais próximas ao final do livro, como é evidenciado pelo próprio narrador, que declara: “Agora, as duas cocotes, amigas, inseparáveis, terríveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças dominavam o alto e o baixo do Rio de Janeiro” (AZEVEDO, 1890, p. 215).

É em meio a essa amizade, vista desde a primeira aparição de Léonie na obra, que se desenvolverá uma relação homoerótica entre as duas. Se em *Vertigem* (1926) é possível que um leitor mais distraído encerre sua leitura sem sequer imaginar uma relação que ultrapasse os laços da amizade entre Luz e Liliane, o mesmo não pode ser dito em *O Cortiço* (1890), uma vez que há uma cena explícita de sexo entre as duas no livro.

Embora Giceli Ribeiro dos Santos (2005) afirme que “existe entre duas mulheres de prática homossexual uma espécie de ‘química do igual’, onde ambas ‘buscam sua linguagem gentil, sensual, misteriosa, sedutora, tudo que no sexo oposto raramente encontram” (SANTOS, 2005, p. 5), é notável que, naquela que é, possivelmente, a primeira cena explícita de sexo entre duas mulheres na literatura brasileira (SANTOS, 2018, p. 25), não há a escrita de uma relação igualitária. Pelo contrário, “é em assimetria de idade, condição socioeconômica e experiência sexual, que as duas se relacionarão.” (SANTOS, 2018, p. 25).

Além da desigualdade inerente à relação das duas, é importante apontar que a cena de sexo de Léonie e Pombinha lida com frágeis limites entre a violência e o consentimento, uma vez que Pombinha de início reluta e parece não desejar o intercursos sexual, mas não apenas se rende como sente franco prazer com o ato, como podemos observar na seguinte passagem:

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pomas irriquietas sobre o mesquinho peito de donzela impúbere e o roçar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensitivas da sua feminilidade, acabaram por foguear-lhe a pólvora do sangue, desertando-lhe a razão ao rebate dos sentidos. (AZEVEDO, 1890, p. 129)

Essa indicação dúbia acerca dos desejos de Pombinha é tema de divergência entre os críticos, uma vez que é difícil concluir, a partir da leitura da obra, se Pombinha, desde o início, desejava a cópula com Léonie, relutando

apenas por negar um desejo considerado proibido por ela (SANTOS, 2018), ou se ela de fato não desejava o ato sexual, tendo sido forçada por Léonie a praticá-lo (NASCIMENTO, 2010).

Contudo, não é apenas ao sexo que se restringe a relação das duas. Em meio à descrição da amizade, são constantes as passagens que indicam a possível existência de um sentimento romântico entre elas, como no trecho “tinha para ela extremas solitudes de namorado: levava-lhe a comida à boca, bebia do seu copo, apertava-lhe os dedos por debaixo da mesa” (AZEVEDO, 1890, p. 128), o que também pode ser visto na seguinte passagem:

Gostavam-se muito uma da outra. A cocote recebeu-a com exclamações de agrado e beijou-a nos dentes e nos olhos repetidas vezes.

-Então, minha flor, como está essa lindeza? - perguntou-lhe, mirando-a toda.

-Saudades suas.... - respondeu a moça, rindo bonito na sua boca ainda pura.

E uma conversa amiga, cheia de interesse para ambas, estabeleceu-se, isolando-as de todas as outras. Léonie entregou à Pombinha uma medalha de prata que lhe trouxera (AZEVEDO, 1890, p. 106).

Além disso, após a relação sexual com Léonie, Pombinha desperta para a sexualidade, finalmente menstrua e se dá conta do poder que as mulheres exercem sobre os homens através da sexualidade. Por conta disso, passa a desprezar o matrimônio que vinha sendo tão aguardado, o que faz com que seu casamento fracasse, uma vez que passa a trair seu marido com diferentes amantes. Quando o marido descobre essas traições e decide se separar, não demora para que Pombinha busque Léonie, passando a morar com ela e se tornando uma prostituta. A partir de então, as duas parecem se tornar ainda mais íntimas, jamais se separando, de modo que não se sabe se, após a separação de Pombinha, mantiveram uma relação homoafetiva ou se tornaram apenas amigas e colegas de profissão. De qualquer forma, é um destino bem diferente do que recebeu a relação de Liliane e Luz, interrompida pela rivalidade surgida em torno de Eduardo.

Apenas mais um entre tantos, o casamento de Pombinha não é o único a se mostrar falho em *O Cortiço* (1890). Pelo contrário, nesse romance há diversos

casamentos que são rompidos, frequentemente pela traição, ora feminina, ora masculina. Contudo, a crítica ao matrimônio presente na obra não se deve apenas ao julgamento dessa instituição como sendo hipócrita por causa das diversas traições que ocorrem constantemente no enredo. Em verdade, o casamento é apontado como uma instituição que oprime as mulheres mais de uma vez no decorrer da narrativa. Essas críticas partem, geralmente, não do narrador, mas de personagens como a Rita Baiana, que, ao representar a nacionalidade brasileira, intensamente associada, no romance, ao tempo presente e ao apego ao corpo e aos sentidos (MENDES, 2003), se recusa veementemente a se casar durante toda a história, ou sua amiga desquitada, a das Dores, como pode ser visto nos dois trechos seguintes: “- Casar? – protestou a Rita. - Nessa não cai a filha do meu pai! Casar? livra! Para quê? para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava! Nada! qual! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é seu!” (AZEVEDO, 1890, p. 63); e “- Sempre os mesmos pedaços d’asno!... - comentava franzindo o nariz. - Se a tola da mulher só lhes procura agradar e fazer-lhes o gosto, ficam enjoados, e, se ela não toma a sério a borracheira do casamento, dão por paus e pedras, como esta besta! Uma súcia, todos eles!” (AZEVEDO, 1890, p. 88).

No que diz respeito ao espaço, personagem principal da obra, o cortiço se trata de uma estalagem ocupada por inúmeras personagens, cujo número apenas aumenta no decorrer da história, voltada, a menos a princípio, ao proletariado, embora ao fim do romance passe a contar com moradores de classes um pouco mais elevadas. A construção tem diversos de seus espaços divididos por todos os moradores, como a horta e o pátio onde as lavadeiras trabalham. Além disso, é comum que vários moradores se reúnam dentro do espaço privado reservado a cada um deles em função de alguma festa ou evento semelhante e o cortiço apresenta constantemente o caráter de um local pouco espaçoso, barulhento e, em certos momentos, até mesmo sujo, como pode ser visto nos seguintes trechos: “tinham à porta da casa, uma esterqueira das cascas de melancia e laranja” (AZEVEDO, 1890, p. 115); e “O rumor crescia; condensando-se; o zum-zum de todos os dias acentuava-se; já não se destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço.” (AZEVEDO, 1890, p. 39).

3. Conclusões: aproximações entre a Luz e a Pombinha

É curioso notar, ao compararmos *O Cortiço* (1890) e *Vertigem* (1926), que a prostituição parece estar presente, com frequência, nos espaços compartilhados, onde o público e privado se confundem, sendo mais aceita nos locais nos quais essa indistinção é ainda maior, que geralmente são ocupados pelas classes mais baixas e marcadas por um índice maior de insalubridade e uma menor probabilidade de se possuir uma privacidade real. Essa aceitação maior pode ser vista não apenas através da reação das demais personagens àquelas que são prostitutas, já que Luz e Liliane parecem sofrer uma reprovação por parte dos habitantes da pensão em que moram e pelos moradores de Avaí, o que não é visto em relação a Léonie e Pombinha, a não ser na figura de D. Isabel, mãe de Pombinha, que se frustra ao reconhecer a nova atividade da filha, mas também pelo caráter menos sutil da prostituição no romance de Aluísio Azevedo, uma vez que Léonie e Pombinha podem ser entendidas como “mulheres públicas” (EL FAR, 2004) enquanto Luz e Liliane seriam mais facilmente compreendidas como “libertinas particulares” (EL FAR, 2004). Apesar dessas diferenças, é interessante apontar que, em ambas as obras, a prostituição causa admiração em determinadas personagens, especialmente pela ascensão econômica que oferece, demonstrando o caráter ambíguo dessa atividade que, embora seja associada ao luxo, é melhor aceita entre aqueles que estão mais distantes de obter uma condição econômica e social elevada.

Outra ambiguidade que pode ser reconhecida em nossa análise diz respeito à enunciação da lesbianidade, seja porque se torna difícil até mesmo definir a existência ou não de um relacionamento entre mulheres em obras de caráter realista ou naturalista, como pode ser visto em todo o enredo de *Vertigem* (1926) e ao final de *O Cortiço* (1890), seja porque é difícil afirmar se as expressões de desejo entre mulheres são próprias às personagens ou se se devem a fatores externos, como a ingestão de álcool ou a violência sexual. Essa ambiguidade do desejo homoerótico feminino é um indicador do apagamento do qual essa vivência sexual sofre em decorrência do silenciamento do erotismo feminino, uma vez que “a vivência erótica lésbica permaneceu como terreno de especulação, curiosidade, fetiche e, na mesma proporção, interdição de prática e de discurso”

(BELLINI, 1989, p. 34-36 *apud* SANTOS, 2018, p. 17), interdição do discurso essa que é vista nas duas obras aqui analisadas.

Isso não significa, contudo, que a lesbianidade seja colocada da mesma forma nos dois romances. Ao contrário, embora em ambos apareça como uma iniciação na vida sexual e até mesmo no mundo da prostituição, o rompimento definitivo que ocorre, em *Vertigem* (1926), entre Liliane e Luz, parece indicar que a lesbianidade seria uma preparação para a experiência heterossexual da mulher, enquanto a intimidade que une Pombinha e Léonie, até o final de *O Cortiço* (1890), parece sugerir que a lesbianidade é vista como uma preparação para a experiência bissexual feminina, uma vez que ambas se relacionam com homens, e não fica claro se pararam de ter relações sexuais e afetivas entre si.

O fato de, em ambos os livros, as personagens em questão se envolverem com homens até o final das narrativas sugere que a manutenção de uma prática sexual e romântica exclusivamente homoafetiva entre as mulheres talvez não fosse considerada uma possibilidade entre o final do século XIX e o início do século XX, tendo em vista que tal prática era compreendida como algo temporário, cuja função seria no máximo iniciar a mulher na vida sexual para a vivência exclusivamente heterossexual, que poderia apresentar um caráter perene. Isso aponta para o fato de que a experiência homoafetiva feminina era criticada talvez não pelo temor de que as mulheres tivessem uma vivência estritamente lésbica, mas pelo conhecimento a respeito da própria sexualidade que as mulheres passavam a ter após a prática homoerótica.

Tanto em *Vertigem* (1926) quanto em *O Cortiço* (1890) essa educação sexual, quando voltada para o público feminino, parece levar a um conhecimento, por parte dessas mulheres, do poder que elas podem exercer sobre os homens a fim de afetá-los de diversas formas e, principalmente, de obter vantagens financeiras a partir deles. Esse conhecimento da possibilidade da mulher exercer poder sobre os homens, por sua vez, parecia levar necessariamente ao desprezo pelo casamento, fosse pelas mulheres considerarem o matrimônio uma instituição hipócrita fosse por, já cientes de seu poder sexual, não aceitarem um laço que as oprimia, como pode ser visto no seguinte trecho, encontrado logo após a passagem em que Pombinha descobre o potencial feminino de utilizar a sexualidade para controlar os homens:

[...] a moça pressentiu bem claro que nunca daria de si ao marido que ia ter uma companheira amiga leal e dedicada; pressentiu que nunca o respeitaria sinceramente como a um ser superior por quem damos a vida; que nunca lhe votaria entusiasmo, e por conseguinte nunca lhe teria amor; desse de que ela se sentia capaz de amar alguém, se na terra houvera homens dignos disso. (AZEVEDO, 1890, p. 140).

Tendo em vista que os médicos do século XIX tendiam a dividir as mulheres em dois grupos, as “normais”, marcadas por todos os estereótipos e padrões impostos ao gênero feminino, e, sobretudo, pela ausência de desejo sexual, e as “degeneradas natas”, denominação assimilada às prostitutas, mas que poderia ser atribuída a qualquer mulher que fugisse dos padrões de “normalidade” esperados da feminilidade (RAGO, 1992), não é difícil entender porque a experiência homossexual entre mulheres, e a consequente consciência sobre a própria sexualidade feminina que surgia dessa prática, a prostituição e a negação do matrimônio apareciam tão intrinsecamente ligados nos livros compostos nesse período.

Referências

AMAR, GOZAR, MORRER: RECORDAÇÕES DA MOCIDADE. Tipografia Pudicicia, Rua dos Donzéis Apaixonados.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço.** Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1890.

BIRCH, Aline dos Santos Silva; DORFSCHMDIT, Nagylla de Azevedo; MAZACOTTE, Bruna D. Godk; TEIXEIRA, Letícia Santana. Uma reflexão acerca do casamento na obra *Madame Bovary*. Memorial TCC Caderno da Graduação, Curitiba, vol.6, nº1, p. 205-224, 2020.

BRAGA-PINTO, César; MAIA, Helder Thiago. Introdução. In: BRAGA-PINTO, César; MAIA, Helder Thiago. **Dissidências de gênero e sexualidade na literatura brasileira: uma antologia (1842-1930).** Salvador: Devires, 2021.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary – Costume de província**. Lisboa: Typographia lisboense, 1881.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. Cadernos do IL, Porto Alegre, nº53, p. 173-191, 2017.

MENDES, Leonardo. O naturalismo na livraria do século XIX. Revista Letras, Curitiba, nº100, p. 71-90, 2019.

MENDES, Leonardo. Rita Baiana: nação e sexualidade em *O cortiço*. Revista Língua & Literatura, vol.5, nº 8 e 9, p. 21-26, 2003.

M.L. **Os serões do convento**. 3 vols. Lisboa: Typographia do Bairro Alto, s.d.

MOIRA, Amara. Primeiras narrativas trans na história do Brasil. Disponível em: <<https://bityli.com/cBJtP>>. Acesso em 12 jul 2021.

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NASCIMENTO, Paulo de Oliveira. Homossexualidade em *O Cortiço*: o naturalismo e as patologias sociais. Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade, Colóquio de História, Recife, nº4, p. 353-364, 2010.

RAGO, Luzia Margareth. Imagens da prostituição na Belle Epoque paulistana. Cadernos Pagu, Campinas, nº1, p. 31-44, 2005.

SANTOS, Claudiana Gois. A bruta flor do querer: amor, performance e heteronormatividade na representação das personagens lésbicas. 2018. 171 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SANTOS, Giceli Ribeiro dos. Rasgando as páginas do silenciamento: o lesbianismo na literatura brasileira. Qualidade de vida e dignidade da pessoa humana, SEMOC – Semana da Mobilização Científica, Salvador, nº8, de 17 a 21 de outubro de 2005.

SILVA, Adelino. **Inversão Sexual**. Porto: Typographia Gutenberg, 1895.

SILVA, Marcele Carvalho da. A produção da sexualidade feminina em *O Cortiço*: uma análise da relação homoerótica entre Pombinha e Léonie. 2019. 58 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VILLARES, Laura. **Vertigem**. São Paulo: Editora Antonio Tisi, 1926.

O conteúdo deste texto é de total responsabilidade de seus autores.